


**Latour, Bruno (2021). *Où suis-je? Leçons du confinement à l'usage des terrestres*. Paris: Les Empêcheurs de Penser en Rond. 187 pp.**

 <https://doi.org/10.21814/anthropocenica.4176>

Fernando José António

Departamento de Filosofia, Faculdade de Ciências Sociais e Filosofia, Universidade Pedagógica de Maputo Moçambique  
anandojose@yahoo.com

A experiência de sucessivos confinamentos e desconfinamentos em todo o planeta, no decurso de 2020 e 2021, causados pela Covid-19, constitui o objeto da reflexão deste livro do prolixo sociólogo francês Bruno Latour *Où suis-je? Leçons du confinement à l'usage des terrestres*, desenvolvida ao longo de catorze capítulos.

O primeiro versa sobre o desconforto que se faz sentir no nosso planeta, consequência do aquecimento global. Latour parece aderir à suspeita de que o vírus SARS-CoV-2 *terá resultado de uma transmissão zoonótica facilitada pela excessiva intervenção humana nalgumas zonas da Terra, nomeadamente através da sua desflorestação. Ele escrutina aí a situação de preocupação e ansiedade generalizadas com o fenómeno* e enfrenta a questão se é ainda possível recuperar alguma liberdade na condição humana ou, como ele mesmo coloca: «(...) vais-je me réveiller de ce cauchemar, redevenir como avant: libre, integre, mobile. Un humain à l'ancienne?» (p. 12). No fundo, trata-se, segundo ele, de repensarmos a nossa relação com a Terra, pós-confinamentos, nos termos de uma metamorfose semelhante à do Gregor Samsa de *A metamorfose* de Kafka, em que despertamos e nos tornamos conscientes da forma monstruosa como a temos mantido.

No segundo capítulo (pp. 17-24) medita sobre o que constitui um espaço habitável a diferentes escalas, em particular a da cidade. No seguinte (pp. 27-38), assevera que na Terra quase tudo está desnaturalizado, que as coisas constantemente são submetidas à intervenção das forças externas, o que de certa forma contribui, paradoxalmente, para que nada esteja estável e inerte. Isso conecta-o, de algum modo, com o quarto capítulo (pp. 39-51), aquele em que, somos exortados, no tempo em que nos encontramos, o da Globalização, a questionarmo-nos sobre o exercício da nossa liberdade, algo que implica que

tenhamos clareza sobre o lugar do qual pretendemos deslocar-nos e os limites do novo espaço.

O novo confinamento provocado pelo vírus causador da Covid-19 é abordado no capítulo subsequente (pp. 53-64). Para Bruno Latour, a Covid-19 adicionou uma crise àquela que já estávamos a viver, a “crise ecológica”. O estranho das duas crises é que ambas começaram a manifestar-se nos países desenvolvidos, mas as consequências acabaram transferidas para todo o mundo. Em consonância, diz Latour no sexto capítulo (pp. 65-75), interessantemente intitulado, “*Ici-bas` – sauf qu`il n`y a pas haut*”, muito embora as concepções políticas nos tenham criado muitas vezes a impressão de que somos diferentes, a Covid mostrou-nos que em termos naturais somos todos iguais.

No par de capítulos seguintes (pp. 77-89; 91-101) assinala-se que a boa forma de nos relacionarmos na Terra não consiste em considerar a Economia como o valor mais precioso, mas sim a Vida, ou que esta não pode ser sacrificada por aquela. Para além disso, segundo Latour, um aspeto positivo dos confinamentos foi terem-nos feito entender que num tempo de Globalização as fronteiras geográficas não passam de uma ilusão. O novo normal suscitado pela pandemia convida-nos a uma reflexão filosófica sobre o significado da existência, do valor da vida, e das prioridades que o homem deve considerar no seu trajeto histórico. Nesse sentido, assinalou o pensador francês, «(...) *l`expression de "conscience planétaire", plutôt vide jusque-là, n`avait pas commencé à se charger de sens. Comme si l`on entendait dans le lointain ce slogan imprévu mais chaque jour mieux articulé : "Confinés de tous les pays, unissez-vous ! Vous avez les mêmes ennemis, ceux qui veulent s`échapper dans une autre planète"»* (p. 66).

No nono capítulo (pp. 103-117), a questão da incapacidade do homem para controlar as “coisas inertes”, o mundo material, é explorada. Tal limitação traz um novo desafio no ser humano: uma análise incessante sobre o seu modo de ser no mundo. O capítulo intitulado «*Multiplication des corps mortels*» (pp. 119-127), em conexão, analisa de que modo a multiplicação dos corpos mortais cria em nós uma certa confusão entre as coisas instáveis e as estáveis, entre o superficial e o profundo, entre o macrocosmo e o microcosmo.

Os quatro capítulos finais do ensaio, abordam, respetivamente, como o confinamento representou uma espécie de teste para os terrestres repensarem e cuidarem mais a respeito das suas práticas (pp. 129-140) deixa lições para o nosso futuro comum, nomeadamente para sermos habitantes e cidadãos nele (pp. 141-151), como o novo regime climático constitui um novo regime político onde a Terra ou Gaia fazem parte da organização política (pp. 153-165) e como a experiência do confinamento foi dolorosa porque implicou uma certa mudança a respeito da nossa maneira de estar no cosmos, uma vez que, à semelhança do

que ocorre com o “Novo Regime” das alterações climáticas, implica o envolvimento de todos, governos e sociedade civil (pp. 167-186).

A Covid-19 veio mostrar que nada é definitivo e seguro, que tudo é temporário, provisório e falível. As instituições sociais vocacionadas para o aprimoramento dos valores, sejam eles políticos, económicos, educacionais, e inclusive religiosos, têm-se mostrado ineficazes perante os desafios desencadeados pela pandemia. Desta forma, a ideia de Charles Darwin de que na natureza os animais mais fortes persistirão e os mais fracos sucumbirão parece ainda constituir uma realidade que precisa de ser aprofundada em termos do seu enquadramento. A Covid-19 tem mostrado ao mundo que neste planeta ninguém é mais forte.

A crise pandémica, concluiu Latour, revelou a irresponsabilidade, de muitos atores sociais, políticos, dirigentes, académicos, e religiosos, de menosprezarem a preciosidade da vida em detrimento do interesse menos nobre do ganho económico. Como forma de evitar o alastramento deste distanciamento social neste regresso à normalidade, aduziu, é preciso que nos questionemos constantemente a respeito das incertezas causadas pelo uso desmedido da ciência e da técnica, o comprometimento da vida sã no planeta. Para além disso, esta mesma crise pandémica mostrou, igualmente que o problema das alterações climáticas extrapola as fronteiras geográficas e, por conseguinte, que a convergência de esforços entre os diferentes governantes do mundo pode ser uma alternativa mais adequada.

Esta é, pois, uma obra que merece ser lida, pensada e discutida, na qual ganhamos consciência de que as políticas económicas traçadas pelos políticos sempre estarão muito aquém dos desafios que nos são impostos pela natureza, mas também que constitui uma grande ilusão a ideia de que o homem domina na totalidade a natureza e, por último, mas não menos importante, que o vírus que desencadeou a Covid-19 nos revelou a nossa indisfarçável vulnerabilidade em relação à natureza.